



Qual a importância da convivência de grupos e pares de bebês e crianças?

Daniel Kazahaya

Orcid: [0000-0001-6808-8406](https://orcid.org/0000-0001-6808-8406)

Doutorando em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP (Campinas, Brasil)
Mestre em Desenvolvimento Humano e Aprendizagem pela Universidade de São Paulo / USP (São Paulo, Brasil)
Professor da Pós-graduação em Clínica Psicanalítica pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul / USCS (São Caetano do Sul, Brasil)

Email: danielkazahaya@gmail.com

Resumo: Qual a importância, em termos de constituição do psiquismo, da convivência em grupos ou pares de bebês e crianças pequenas? Esta é a pergunta que orienta este artigo, inspirado pelas restrições de convívio coletivo que estes pequenos sofreram, e ainda sofrem, diante da Pandemia do Covid-19. Para explorar tal assunto, o artigo aborda o percurso teórico que Lacan desenvolve sobre a participação do pequeno semelhante na constituição subjetiva. A argumentação principal será articulada em torno da noção do Complexo da intrusão, inserido nos Complexos familiares, na qual o pequeno semelhante surge como um intruso e inaugura uma triangulação inicial, anterior ao Complexo de Édipo freudiano, que tem participação na formação do eu.

Palavras-chave: Grupos; Psicanálise; Lacan; Bebês; Crianças.

Quelle est l'importance de la coexistence de groupes et de couples de bébés et de jeunes enfants?

Quelle est l'importance, du point de vue de la constitution du psychisme, de la coexistence en groupes ou couples de bébés et de jeunes enfants ? C'est la question qui guide cet article, inspiré des restrictions de socialisation collective que ces petits ont subi, et subissent encore, face à la Pandémie de Covid-19. Pour explorer ce sujet, l'article aborde le cheminement théorique que Lacan développe sur la participation du petit semblable à la constitution subjective. L'argument principal s'articulera autour de la notion de Complexe d'Intrusion, insérée dans les Complexes Familiaux, dans laquelle le petit semblable apparaît comme un intrus et inaugure une première triangulation, antérieure au Complexe d'Édipe freudien, qui participe à la formation de je.

Mots clés: Groupes; Psychoanalyse; Lacan; Bébés; Enfants.

What is the importance of the coexistence of groups and pairs of babies and children?

What is the importance, in terms of the constitution of the psyche, of the coexistence in groups or pairs of babies and small children? This is the question that guides this article, inspired by the restrictions of collective socializing that these little ones suffered, and still suffer, in the face of the Covid-19 Pandemic. In order to explore this subject, the article approaches the theoretical path that Lacan develops on the participation of the small similar in the subjective constitution. The main argument will be articulated around the notion of the Intrusion Complex, inserted in the Family Complexes, in which the toddler appears as an intruder and inaugurates an initial triangulation, prior to the Freudian Oedipus Complex, that participates in the formation of the ego.

Keywords: Groups; Psychoanalysis; Lacan; Babies; Kids.

Qual a importância da convivência de grupos e pares de bebês e crianças?

Daniel Kazahaya

Introdução

Lacan (1938/1987) articula teoricamente o convívio com os pequenos semelhantes, os pares de bebês e crianças pequenas, analisando complexos anteriores ao complexo de Édipo, os quais denominou de complexos familiares, sendo eles: o complexo do desmame e o complexo do intruso. O autor trabalha o pequeno semelhante apresentado primeiramente na figura do irmão que, por meio de uma intrusão, remete o sujeito a uma identificação na forma de rivalidade, donde se desdobrarão elementos constitutivos fundamentais e inaugurais das relações triangulares. Nesse percurso Lacan situa o sujeito numa encruzilhada estrutural, formada pelo complexo do desmame, do complexo do intruso e do estádio do espelho. Essas três operações desembocariam na formação do eu.

Numa perspectiva social e familiar contemporânea se questiona a possibilidade de o fenômeno da intrusão estar associado a outros pequenos semelhantes que não o "irmão familiar". Pelas configurações grupais da atualidade das creches, orfanatos e berçários, parece bastante provável que outros pequenos semelhantes, não irmãos, ao ocuparem determinada posição em relação ao sujeito ao ponto de participarem constituição subjetiva ao exercerem uma função de intrusos (Bernardino, 2002; Lachaud, 2001).

A função de intrusão do pequeno semelhante.

Lacan (1938/1987) trabalha o outro, pequeno semelhante, diretamente em sua teoria por meio do complexo do intruso, no qual ele afirma que o papel traumatizante do irmão, que surge provocando um incômodo na relação diática inicial. O autor é categórico ao apontar que: "O Eu se constitui ao mesmo tempo que o outro no drama do ciúme" (Lacan, 1938/1987, p. 49).

O complexo da Intrusão é a noção que articula a importância do irmão na constituição psíquica do sujeito na teoria lacaniana. Lacan toma uma passagem de Santo Agostinho, o qual descreve uma cena de ciúme em bebês nas tenras idades. A partir desse exemplo ele elabora a noção de que a inveja e o ciúme estão presentes desde cedo no desenvolvimento. O irmão em questão vislumbra o irmão mais novo em deleite na amamentação. Ali, desarmado e entregue à espontaneidade das expressões, ele manifesta sua inveja deliberadamente, segundo a narrativa do autor (Lacan, 1948/1998a).

Lacan utiliza a figura do intruso no sentido da identificação pela rivalidade e pela alteridade. O intruso, ao ocupar um lugar de privilégio que antes pertencia exclusivamente ao sujeito, permite uma identificação e introduz o incômodo ao mostrar que o lugar que outrora fora privilégio do sujeito pode pertencer a outro, sendo, portanto, passível de disputa, de rivalidade. O psicanalista francês diz que o ciúme, nesse caso, não representa uma rivalidade vital, mas uma identificação mental. Identificação que remete o sujeito a uma imago anterior que ele vivenciou. Qual seria?

O complexo da intrusão foi apresentado em *Os complexos familiares na formação do indivíduo*

(Lacan, 1938/1987), sendo composto, além do complexo do intruso, de seu precedente, o complexo do desmame; e seu sucessor, o complexo de Édipo.

Lacan atribui ao complexo do desmame o estatuto de ser o primeiro complexo, portanto, aquele que influenciará todos os demais. No complexo do desmame há a formação de uma imagem materna que fixa no psiquismo a relação da amamentação (Lacan, 1938/1987). Deste modo, o desmame estaria nos primórdios dos sentimentos familiares. Justamente esta é a imagem a qual o sujeito identifica no intruso, a cena da amamentação. Lacan (1938/1987, p. 46) escreve: "A imagem do irmão não desmamado só desperta uma agressão especial por repetir no sujeito a imagem da situação materna e, com ela, o desejo de morte. Esse fenômeno é secundário à identificação".

O desmame, na espécie humana, não é um fato dado ou elemento biológico, marcado pela simples necessidade de alimentação ou do que possa haver quanto à manutenção física corporal. A imensa variabilidade que se encontra no fenômeno da amamentação e seu abandono, o desmame, indica que eles são, em grande parte, dominados por fatores culturais. Há bebês que são amamentados por meio das mamadeiras, outros que mamam no seio, há aqueles amamentados pelas "mães de leite", alguns permanecem até os 5 anos mamando, outros até os 2 anos, o pediatra poderia recomendar os 6 meses, e assim pode-se citar infinitos exemplos e variações do fenômeno. Portanto, vê-se que o fator cultural é predominante sobre a amamentação e o desmame.

Lacan (1938/1987) aponta que:

Referimo-nos aqui ao complexo mais primitivo do desenvolvimento psíquico, aquele que se compõe com todos os complexos posteriores; ainda mais impressionante é vê-lo inteiramente dominado por fatores culturais, e assim, desde esse estágio primitivo, radicalmente diferente do instinto. (p. 36).

Portanto, temos que o complexo do desmame está na composição de todos os demais complexos, ressaltando aqui o complexo do intruso. O intruso, neste ponto de vista, é primeiramente intruso referente à amamentação, o sentimento familiar mais arcaico. É neste ponto que Lacan (1938/1987) vai dizer que o complexo da intrusão, especificamente, estabelece a forma arcaica da relação com o outro.

Nesse momento da construção de seu corpus teórico, precisamente nesses artigos para enciclopédia denominados *Os complexos familiares*, Lacan (1938/1987) está dando grande ênfase à família enquanto lugar de formação do sujeito. O autor pontua que:

A família prevalece na educação precoce, na repressão dos instintos e na aquisição da língua, legitimamente chamada materna. Através disso, ela rege os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, a organização das emoções segundo tipos condicionados pelo ambiente, que é a base dos sentimentos (...) ela transmite estruturas de comportamento e de

representação cujo funcionamento ultrapassa os limites da consciência (Lacan, 1938/1987, p. 31).

Assim, a família está ligada a um papel primordial na transmissão da cultura, ela é uma instituição que não se reduz a um fato biológico nem a um elemento teórico da sociedade (Lacan, 1938/1987). Desse modo, Robert Levy (2009) reforça a ideia de que Lacan atribui uma importância fundamental à família na constituição do sujeito do inconsciente. Isto devido à sua prematuridade constitucional no nascimento. O sujeito parte de uma dependência vital em relação ao grupo e principalmente, da nostalgia da mãe.

Esse sujeito, afirma Levy (2009), marcado por uma dependência inicial em relação à mãe, se aproxima em muito do que Winnicott defenderá sobre a importância do ambiente nos anos iniciais. O autor sustenta que:

Para Lacan, 'o apelo ao grupo' é determinado por essa relação orgânica, que explica o apelo à regulação de uma função social que preenche a 'insuficiência vital dos primeiros anos'; ele esclarece, no entanto, que o desafio para a estruturação do sujeito e para sua entrada na cultura permanece vital. Por essa razão, (...) Lacan elevará o complexo do desmame à dignidade de uma constante da espécie humana. (Levy, 2009, p. 23).

O complexo do desmame por meio da nostalgia da mãe, nessa análise, estaria no ponto de sustentação social da institucionalização do sujeito na família e também, conforme sustenta Levy (2009), motivaria uma socialização no sentido mais amplo, ao motivar produções simbólicas humanas e a instauração de ideais sociopolíticos dos grupos.

Lacan (1938/1987) apresenta o conceito da seguinte maneira: "O complexo do desmame fixa no psiquismo a relação da amamentação, sob a forma parasitária exigida pelas necessidades da idade mais tenra do homem; ela representa a forma primordial da imago materna" (p. 36).

Um complexo doloroso, de fato. Deixar o conforto da mãe e todo o valor que o seio e a amamentação têm para a criança nesse momento implica que sua mudança, ou sublimação, seja especialmente difícil não somente para o sujeito mas, muitas vezes, também para a própria mãe. No entanto, na medida em que o sujeito primitivo se choca com a cultura e com o fato do desmame, essa imago materna tem que ser sublimada de modo que outras relações sejam possibilitadas no grupo social, e para que novos complexos se integrem no psiquismo (Lacan, 1938/1987).

Lacan (1938/1987) diz:

A saturação do complexo funda o sentimento materno; sua sublimação contribui para o sentimento familiar; sua liquidação deixa vestígios em que se pode reconhecê-la: é essa estruturação da imago que fica na base dos progressos mentais que a remanejaram" (p. 42).

É interessante apontar duas implicações presentes no conceito do desmame pelo olhar lacaniano. A primeira está na primazia da imagem e do olhar, e a segunda implicação está nos desdobramentos destes sobre uma tendência psíquica à morte. É pelo complexo do desmame que Lacan vai observar o desejo de morte, e a eterna nostalgia da humanidade. Para ele, a tendência psíquica à morte está ligada à imago do seio materno e seria, em última análise, "uma assimilação perfeita da totalidade do ser" (Lacan, 1938/1987, p. 42). Lacan (1938/1987) vai afirmar que "a imago do seio materno domina toda a vida do homem" (p. 40).

É a partir dessa concepção do desmame que Lacan (1938/1987) questiona o instinto de morte freudiano, fundado numa abordagem excessivamente biológica. Novamente, para Lacan a tendência à morte estará ligada à imago do desmame.

Robert Levy (2009) aponta que Lacan, ao partir dessa concepção da tendência à morte, introduz uma "clínica da nostalgia da matriz", e antecipa um debate sobre os chamados sintomas "modernos" relacionados à toxicomania, à anorexia e aos suicídios, que estariam diretamente ligados aos distúrbios do desmame e não às questões do declínio da figura do pai, como são frequentemente relacionados. Lacan situa essa questão ao apontar que a tendência psíquica para a morte sob o ângulo do desmame:

... revela-se nos suicídios especialíssimos que se caracterizam como 'não-violentos', ao mesmo tempo que neles se evidencia a forma oral do complexo: a greve de fome da anorexia nervosa, o envenenamento lento de certas toxicomanias pela boca, o regime de fome das neuroses gástricas. A análise desses casos mostra que, em seu abandono à morte, o sujeito procura reencontrar a imago da mãe. (Lacan, 1938/1987, p. 41).

O complexo do desmame marca, portanto, este primeiro momento da estruturação psíquica, onde se estabelece a imago da mãe. A partir dessa estruturação abre-se a possibilidade do complexo do intruso. É justamente nos vestígios deixados pelo desmame que o intruso vai permear e engrenar a lógica desse complexo. O irmão, enquanto intruso, vai tocar exatamente nessa ferida do sujeito, naquele exato lugar onde ele um dia sentira uma quase "totalidade do ser", a qual urge para ele como nostalgia e desejo de retorno.

A clássica cena utilizada pelo autor na ilustração do intruso é a visão que o irmão maior tem do irmão mais novo em amamentação, cuja inspiração Lacan empresta de Santo Agostinho:

Agostinho antecipou-se à psicanálise, dando-nos uma imagem exemplar de tal comportamento nestes termos: (...) 'Vi com meus olhos e conheci bem uma criancinha tomada pelo ciúme: ainda não falava e já contemplava, pálida e com uma expressão amarga, seu irmão de leite. (Lacan, 1948/1998a, p. 117).

Mais além, Lacan introduz o complexo da Intrusão da seguinte maneira:

O complexo da intrusão representa a experiência feita pelo sujeito primitivo, na maioria das vezes quando vê um ou vários de seus semelhantes participarem com ele da relação doméstica, ou, dito de outra maneira, quando se reconhece entre irmãos. As condições disso, portanto, são muito variáveis, por um lado, conforme as culturas e a extensão que elas conferem ao grupo doméstico, e por outro conforme as contingências individuais e, antes de mais nada, conforme o lugar que o acaso confere ao sujeito na ordem dos nascimentos, conforme a posição dinástica, diríamos, que ele assim ocupa, antes de qualquer conflito: a de bastardo ou a de usurpador. (Lacan, 1938/1987, p. 43).

O sujeito primitivo **se reconhece**, ou seja, ele se distingue de outros. É neste momento em que ele vai perceber e entender que existe um outro (Lachaud, 2001). O pequeno sujeito reconhece o outro enquanto intruso e rival num primeiro momento, mas ao reconhecer que o outro ocupa um lugar diferente do seu próprio, ele tem a possibilidade de se distinguir dele.

Lachaud (2001) pontua que chamar o sujeito de **primitivo** refere-se exatamente ao fato de que seu aparelho psíquico está se elaborando, é prematuro e totalmente dependente do adulto. É neste sentido que Lacan enfatiza a importância das "contingências individuais", pois, estando o sujeito numa encruzilhada estrutural, o complexo da intrusão pode ser mais ou menos complexado e dificultado de acordo com a fase em que se encontra o sujeito. Por exemplo, o complexo pode ser mais difícil quando o sujeito se encontra no período em que o estágio do espelho não está formado ou ainda está em elaboração, pois "Não existe outro como objeto enquanto a criança não tiver passado pelo estágio do espelho, em que o outro vai perder-se, destacar-se como tal. Ora, repetimos, antes do espelho não existe outro" (Lachaud, 2001, p. 45).

No estágio do espelho Lacan retoma a ideia trabalhada em sua tese sobre a *Psicose Paranoica* (1932/2011) de que "o conhecimento só é possível através do outro, o semelhante, na medida em que o que é visto no outro permite saber algo sobre si próprio" (Bernardino, 2002). No espelho, a identificação está relacionada à imagem do outro.

Lacan ressalta:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação, para esse efeito de fase, é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (Lacan, 1949/1998b, p. 97).

Lacan (1949/1998b) parte da observação de Baldwin de que a partir dos seis meses a criança é cativada por sua própria imagem ao se mirar no espelho com o auxílio do "andador". O autor mostra

que o “andador” possibilita à criança permanecer ereta e ter uma breve visão antecipada de sua constituição, como um vislumbre, uma *gestalt*, da forma total do seu corpo.

Lacan (1949/1998b) afirma que o Outro primordial, enquanto matriz simbólica, oferece algo muito similar ao espelho. Proporciona, porém, algo extremamente mais completo devido a suas características. O sujeito primitivo, ainda prematuro diante de sua impotência motora, e na dependência da amamentação, irá encontrar na matriz simbólica essa imagem especular. Dos movimentos, ações, gestos, “intenções”, e tudo o mais que o bebê direciona ao mundo e aos outros, a mãe, o Outro primordial, devolve uma espécie de tradução ao sujeito, ou seja, ela reflete e devolve ao sujeito uma imagem dele mesmo (Lacan, 1949/1998b, p. 97).

Uma imagem de características específicas e únicas. Ela é uma forma primordial do eu do sujeito, algo a que Lacan vai indicar como sendo o eu-ideal. Ao mesmo tempo ela antecipa e situa a instância do eu. Lacan (1949/1998b) diz:

Pois a forma total do corpo, pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência, só lhe é dada como Gestalt, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída (p. 98).

E mais à frente ele é categórico:

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde a imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1949/1998b, p. 100).

Essa antecipação da identidade – a qual Lacan relacionaria à formação do eu – seria encontrada frequentemente nas formações oníricas, as quais o autor exemplifica:

um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior. (Lacan, 1949/1998b, p. 101)

A antecipação do eu do sujeito advém na forma de um ideal a ser conquistado. Ideal delimitado sob o qual o sujeito estará numa constante busca, situada num campo do advir. A “busca incessante” localiza o sujeito num vir-a-ser, que se estabelece na premonição subjetiva.

O estádio do espelho, ao fornecer esta imagem antecipada do sujeito, e ao situá-lo numa

espécie de “campo fortificado”, estabelece uma base para o eu – que permite a passagem para o intruso. Assim, Lacan afirma que:

Esse momento em que se conclui o estádio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial [tão bem ressaltado pela escola de Charlotte Bühler nos fenômenos de transativismo infantil], a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. (Lacan, 1949/1998b, p. 101).

Conforme a citação acima, Lacan (1949/1998b) parte das observações de Bühler sobre o transativismo nas tenras idades. O fenômeno do transativismo, neste período primitivo, se refere ao fato de que a criança transita pelos outros, por assim dizer. Seu espaço se confunde com o do outro. Lacan (1938/1987) dá o exemplo da criança que chora ao ver outra cair no chão, como se ela transitasse pelo outro que se machuca, ou, mais precisamente, como se a outra que caísse fosse o próprio sujeito que observa. Seja o que for, pode-se dizer que há nesse transativismo um “transitar” que remete o sujeito a uma identificação com o outro.

Se o ciúme e o intruso advêm neste momento, pode-se imaginar que o sujeito e os outros transitam, que seus espaços se confundem, ou seja, aquele mesmo pelo qual se sente ciúmes é o próprio sujeito. Portanto, seria isso um ciúme?

Lachaud considera que:

Acontece de ouvirmos pais nos dizerem que tal criança sente ciúmes do irmãozinho, toma-lhe os brinquedos, ou os do amiguinho. Não se trata nem um pouco de ciúme. A criança não conhece sentimentos de pertencimento ou de propriedade – ela vai adquiri-los com e após o estádio do espelho. A criança vê brinquedos – ou algo que lhe agrada – e os pega. O prazer domina. A criança é o mundo. A outra criança é ela. (Lachaud, 2001, p. 45).

É neste sentido que Lacan (1948/1998a) vai enunciar sua quarta tese a respeito da agressividade em relação a uma identificação narcísica que dá os contornos do Eu. Diz ele:

A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades características de seu mundo. (Lacan, 1948/1998a, p. 112).

Nesse mesmo artigo Lacan (1948/1998a) enfatiza que primeiro há uma assunção do outro como eu, e posteriormente um desejo de morte endereçado ao outro para preservar o eu (Bernardino, 2002).

Esse transitar de espaços e identificações a que o outro remete o sujeito a ele mesmo, que Lacan cita como “dialética das identificações”, é expresso quando o sujeito se encontra numa faixa

etária muito restrita, e que surge apenas quando há uma diferença menor que dois meses e meio nas crianças por volta dos 6 e 8 meses. Nestes casos, Lacan afirma que:

O primeiro plano mostra-nos que a experiência de si próprio na criança de tenra idade, na medida em que ela se refere a seu semelhante, desenvolve-se numa situação vivida como indiferenciada. Assim, por volta dos oito meses de idade, nos confrontos entre crianças – que, convém notar, para serem fecundos, quase que só permitem dois meses e meio de distância etária -, vemos os gestos de ações fictícias com que um sujeito acompanha o esforço imperfeito do gesto do outro, confundindo sua aplicação distinta: as sincronias da captação especular, mais notáveis ainda por se anteciparem à completa coordenação dos aparelhos motores. (Lacan, 1948/1998a, p. 115).

Este curto espaço entre as faixas etárias seria devido à necessidade de uma [...] verdadeira adaptação entre os parceiros, considerando que o sujeito primitivo nas tenras idades estaria num período caracterizado por transformações tão rápidas e profundas da estrutura nervosa que elas dominam as diferenciações individuais. Compreenderemos que essa condição equivale à exigência de uma semelhança entre os sujeitos. A imagem do outro parece estar ligada à estrutura do corpo próprio, e, mais especialmente, de suas funções de relação, por uma certa similitude objetiva. (Lacan, 1938/1987, p. 44).

Portanto, essa identificação baseia-se na imagem do outro que oferece uma “similitude objetiva”. Quando essa condição não é satisfeita, a proximidade das faixas etárias, o que se observa na interação dos pequenos sujeitos é algo inteiramente distinto e que não se apresenta como um conflito entre dois indivíduos. Lacan (1938/1987) aponta três mais frequentes: a exibição, a sedução e o despotismo. Essas três interações definem-se de um modo distinto. Elas se apresentam “como um conflito entre duas atitudes opostas e complementares, e essa participação bipolar é constitutiva da própria situação” (Lacan, 1938/1987, p. 44).

Este é o apontamento que Lacan (1938/1987) faz de suas observações sobre esse fenômeno, “a criança que se oferece como espetáculo e a que a acompanha com o olhar: qual delas é a mais espectadora?” (p. 44). O artista é a plateia. É o conjunto do espectador e do espetáculo que define a situação, é a posição pela qual um se oferece ao outro e espera do outro o complemento de sua ação. Tal situação estabelece um paradoxo em sua composição já que um sujeito depende do outro para que isto aconteça, mas ao mesmo tempo é quase como se eles estivessem sozinhos na situação. Lacan o apresenta da seguinte maneira:

Cada parceiro confunde a pátria do outro com a sua e se identifica com ele, mas cada um pode apoiar essa relação numa participação propriamente insignificante do outro e vivenciar toda a

situação sozinho, como se evidencia na discordância, às vezes total, entre suas condutas. Isto equivale a dizer que nesse estágio a identificação, específica das condutas sociais, baseia-se num sentimento do outro que só pode ser desconhecido, sem uma concepção correta de seu valor inteiramente imaginário. (Lacan, 1938/1987, p. 44).

Novamente, nessa citação Lacan (1938/1987) enfatiza que as **condutas sociais** nesse período estão intimamente ligadas à imago do outro pequeno semelhante. Esse **valor imaginário** é que deve estar muito próximo. Para Lacan, esse período é marcado pela predominância da imagem. É a imagem do outro que permite a identificação. A proximidade dessa imagem é o fator decisivo que conduz as interações entre o sujeito e o pequeno semelhante. Novamente, a faixa de dois meses e meio pode demarcar ou a rivalidade – na identificação de um sujeito primitivo com o outro –, ou atitudes complementares de caráter bipolar. Variação de interação marcada pela proximidade ou distanciamento da imagem especular. Nesse sentido Lacan (1938/1987) fala de uma tendência a restabelecer a unidade perdida de si mesmo, que estaria desde sua origem no centro da consciência. Diz ele: “É a origem da energia de seu processo mental, um processo cuja estrutura é determinada pela predominância das funções visuais” (Lacan, 1938/1987, p. 48).

O sujeito é impelido numa tendência, numa busca de uma unidade afetiva que encontra justamente na imagem especular oferecida pelo outro, os caminhos para a representação de sua identidade. Isto demarca, conforme apontado anteriormente, os meandros narcísicos da formação do eu, já que essa imagem especular ainda não contém o outro (Lacan, 1938/1987). Lacan (1938/1987) chega mesmo a citar essa participação do outro intruso como uma “intrusão narcísica”, ou seja, o sujeito ainda não pode romper com um determinado “isolamento afetivo”, já que a imagem do outro estaria desempenhando apenas um papel primário de caráter narcísico, que aliena o sujeito do outro e do objeto. O que seria, então, necessário para romper esse isolamento?

É aqui que retomamos a clássica frase de Lacan (1938/1987) e enfatizamos sua importância: “O eu constitui-se ao mesmo tempo que o outro no drama do ciúme” (1938/1987, p. 34). É o ciúme daquele que toma o lugar que antes pertencia ao sujeito que marca esta passagem. É onde surgirá a agressividade que será constitutiva do sujeito e, neste ponto, se insere a primeira tese de Lacan sobre a agressividade: “A agressividade se manifesta numa experiência que é subjetiva por sua própria constituição” (Lacan, 1948/1998a, p. 105).

A imagem do irmão em amamentação desperta no sujeito primitivo uma agressividade porque ela reaviva uma imagem anterior referente ao complexo do desmame, a qual se constitui em dois polos, o primeiro ligado à imagem do irmão em amamentação (identificação), o segundo à difícil experiência do desmame (ciúme, este lugar era do sujeito). Assim, essa imagem do irmão instaura na criança desmamada um desejo de morte (Lachaud, 2001, p. 47). A autora aponta dois momentos:

Esse desejo de morte é, dizemos nós, secundário em relação à identificação. Isto é, 1) há

identificação por reativação – essa criança não desmamada era eu antigamente – e 2) há ciúme, agressividade: este outro que toma meu lugar, tenho que eliminá-lo! (Lachaud, 2001, p. 47).

Esse momento marcado pela agressividade do sujeito é suscetível de catástrofes familiares: para o sujeito nada importa, ou seja, ele ainda não formou as noções de bem e de mal, da destruição ou do amor e de suas consequências. O foco para ele é o intruso que toma o seio.

Diante desta situação o sujeito é levado para duas alternativas: 1) ou ele retoma o seio para si à custa da destruição do rival e à recusa do real, ou 2) enfrenta os desafios de conviver com o outro, ou seja, acolhe a rivalidade e pode estabelecer uma concordância, um contrato com o outro. É neste segundo ponto que Lacan (1938/1987) entende a gênese dos sentimentos sociais. Ele diz: "O ciúme humano se distingue da rivalidade vital imediata, pois mais constitui seu objeto do que é determinado por ele; revela-se o arquétipo dos sentimentos sociais" (Lacan, 1938/1987, p. 49).

O ciúme em relação ao intruso é o que permite ao sujeito encontrar ao mesmo tempo o outro e o objeto socializado. A identificação, que no espelho era imagem, na intrusão está encarnada no irmão mais novo que, por estar em amamentação, reativa no sujeito uma imago materna já recalcada pelo desmame. Diante dessa situação, embora o sujeito seja remetido à nostalgia e à tendência de retorno ao estado perdido e tão lastimado, por outro lado, ele se vê salvo das amarras e da completude aclamada pelo outro.

É importante frisar esse primeiro paradoxo no qual se encontra o pequeno sujeito diante de seu semelhante. O irmão que ao mesmo tempo se quer destruir, pois remete a uma exclusão, é o mesmo que novamente, por exclusão, lhe permite manter o vislumbre de ser uma unidade separada do Outro. Nesse paradoxo o sujeito tem a possibilidade de engendrar o sentimento social, de aceder ao fato de que o semelhante pode ser odiado, mas também pode ser objeto de identificação, é rival e "salvador", intruso mas colaborador. Bernardino (2002) comenta que:

Há na presença do irmão no lugar que era antes do sujeito ao mesmo tempo a vivência da perda do objeto (primordial), ou seja, falta; e também a experiência do desejo e do corpo próprios, já que não devidos ao Outro. (p. 82)

Neste ponto, Lacan (1938/1987) retoma algo muito similar ao que Freud (1930/2010) fala sobre a "disputa amigável" ao falar sobre a "simpatia ciosa" (*jalouse*) devido ao caráter paradoxal da intrusão do pequeno semelhante. Lacan (1938/1987) vai considerar que "O simbolismo primordial do objeto tanto favorece sua extensão para fora dos limites dos instintos vitais quanto sua percepção como instrumento. Sua socialização através da simpatia ciosa [*jalouse*] fundamenta sua permanência e sua substancialidade" (p. 50).

A disputa amigável, tendo uma fundamentação na simpatia ciosa, marca e delimita com precisão a gênese do sentimento social. É aquele que me exclui o mesmo que me inclui. O que ameaça um lugar

nostálgico é o mesmo que garante um devir subjetivo.

Daí sublinha-se a importância do irmão na constituição subjetiva: ele fornece “o modelo arcaico do eu” ao remeter a uma identificação sob a qual o sujeito pode tentar preservar o eu.

Percebe-se nesta trajetória da estruturação do complexo do intruso uma base muito similar às explorações freudianas sobre “o inquietante” (Freud, 1919/1996). O duplo era algo muito próximo, tão próximo, que se confundia com o próprio sujeito – uma característica do transitivismo – e também era quem garantia a sobrevivência do Eu – estar a salvo da completude do Outro. Ao mesmo tempo era quem reavivava uma nostalgia muito forte, à qual Freud (1919/1996) denominou de pulsão de morte e, por isso, a experiência seria recalçada, ressurgindo vez ou outra na forma inquietante. Lacan (1938/1987) interpreta essa compulsão de repetição, onde o sujeito é remetido a um estado anterior referente à mãe¹, pelo complexo do desmame.

Partindo para outro elemento do complexo da intrusão, faz-se fundamental apontar a importância vital da mãe para o sujeito: ela soa “todo-poderosa” e “sem falha”, já que antes do espelho não há mesmo registro imaginário dos cuidados por ela exercidos. Fato que Winnicott (1988/1990) também trabalha no conceito de dependência absoluta, ao apontar que o termo **absoluto** se refere justamente ao fato do bebê não ter consciência dos cuidados maternos, já que esta (quando tudo vai bem) proporciona o sentimento de onipotência ao sujeito. Dito isto, Lachaud considera que as possíveis desidealizações referentes à mãe levam a:

[...] uma liberação desenfreada da pulsão de morte do próprio sujeito. É de fato por isso que, como sublinharam Lacan desde 1936 e, por outro lado, numerosos autores, a triangulação deve intervir o mais precocemente possível, pois é uma boa defesa contra a relação dual imaginária e permite que os conflitos se expressem de modos que diremos dos mais sãos. (Lachaud, 2001, p. 48).

O pequeno semelhante, portanto, frustra o sujeito ao interferir em sua relação com a mãe. Sua intrusão vem num paradoxo que pode desembocar no sentimento social do convívio contratual. Lachaud (2001) pontua que “do seio ao território a passagem é bem rápida”, e que a partir daí se vislumbra a discussão do medo ao estrangeiro, da xenofobia, do racismo, os termos sociais que traduzem a dificuldade de abandonar uma relação binária.

Estas manifestações indicam, de fato, que parece haver uma constante reatualização do intruso no enfrentamento do sujeito com tudo aquilo que não diz respeito à sua subjetividade, isto é, a subjetividade do outro é negada. Não somente na alteridade, mas com muito poder na semelhança, pela “inquietante estranheza do estranho”, ou seja, aquilo que por ser tão próximo parece fugir à consciência assim como foge à captação ótica um objeto muito próximo ao sujeito. Como se a sua presença se oferecesse como frequente ameaça, ou seja, uma resistência à alteridade do estranho, que foi recalçada.

Esse tema é discutido por Caterina Koltai em sua tese de doutorado, posteriormente publicada

em forma de livro sob o título de *Política e Psicanálise: O estrangeiro* (2000). A autora defende a ideia de que o discurso racista encontra no outro o seu bode expiatório, o que remete o sujeito ao tempo do intruso e do espelho, onde ele atualiza o que Lacan afirmara sobre a alienação primordial. Koltai afirma que “cada vez que o sujeito se aproxima dessa alienação primordial, descrita como o estágio do espelho, surge a agressividade radical, o desejo de aniquilamento do outro, como suporte do desejo do sujeito” (2000, p. 104).

Mais à frente ela comenta que para a passagem do ódio mortífero ao ciúme simpatizante é preciso que o sentimento venha a passar pela palavra:

É isso que uma análise torna possível. Ao falar a esse estrangeiro que é o analista, que ocupa esse estranho lugar chamado de lugar do analista, o sujeito pode vir a se dar conta de que esse outro, objeto de seu ódio, não passa de um duplo de si mesmo, com o estatuto de outro. E, assim, quem sabe, não precisará mais do bode expiatório, cuja existência constitui a própria essência do discurso racista. É o que veremos a seguir, ao abordarmos o sintoma racista, sintoma social por excelência. (Koltai, 2000, pp. 104-105).

O que vem muito ao encontro do que apontam Dolto e Mannoni – que retomam a ideia de Lacan sobre a palavra verdadeira apresentada no *Seminário I* (1953-1954/2009) – sobre a importância de se introduzir uma palavra justa, descritiva da angústia como um fator liberador, nas palavras de Dolto:

[...] se as coisas pudessem ter sido faladas a tempo, a saber, no momento dos traumatismos, dos choques, dos sofrimentos familiares dos quais a criança é parte integrante, e dos quais ela guarda um traço – pela perda de confiança em si mesma, e por uma hesitação em sua identidade –, teria sido possível evitar a grande patologia que aparece após dois anos de escolaridade. (Dolto, 1986, como citado por Milman, 2005).

Do Familiar ao Social. Possíveis intrusos e participantes da constituição subjetiva.

Conforme foi apontado no início, esta análise contempla os sujeitos primitivos, ou seja, aqueles situados no momento anterior ao terceiro ano de vida, tempo onde o psiquismo imaturo está em formação (Lacan, 1938/1987). Quando o intruso surge depois do complexo de Édipo ele já não será para o sujeito o “obstáculo ou o reflexo”, será introduzido nas relações como outro separado ao qual se poderá amar ou odiar, e neste caso fornecerá o modelo arcaico do eu (Lacan, 1938/1987).

Lacan (1938/1987) enfatiza que “é através do semelhante que o objeto, assim como o eu, se realiza: quanto mais pode assimilar de seu parceiro, mais o sujeito reforça sua personalidade e sua objetividade, garantias de sua eficácia futura” (p. 51).

O semelhante, na intrusão, surge no momento e nas condições “ideais” na figura do irmão. No entanto, as condições de vida da atualidade mostram que o bebê está em íntimo contato com outros

pequenos semelhantes já nas mais tenras idades, e é este o caso das creches, berçários, orfanatos, entre outros.

Lachaud (2001) considera que o estudo do intruso em termos de uma "posição ideal" se refere à condição da chegada de outra criança na família. Pois bem, ideal exatamente porque a intrusão é vivida de várias outras maneiras em situações onde o pequeno sujeito "se dá conta de que não está só no mundo; de que existem outras crianças, outros pequenos, suscetíveis de dividir o amor da mãe" (p. 44). E mesmo o amor da mãe, e as funções da mãe, acabam sendo extrapoladas para outros cuidadores, como é o caso das creches (Mariotto, 2009). Então se questionaria se o intruso poderia advir também em relação à figura dessa cuidadora. Lachaud esclarece:

Hoje, essa prova (a intrusão) é vivida mais cedo do que antigamente, na medida em que as mães, por trabalharem fora, devem com frequência confiar sua prole a uma ou várias babás, a creches. A rivalidade dita fraterna não se reduz à relação entre irmãos ou irmãs da mesma família. Da mesma forma, quando a mãe sai com a criança, esta vê, bem a seu redor, na rua ou nas lojas, que existem outras crianças, que ela não está mais sozinha. (Lachaud, 2001, p. 44).

Esta concepção vai bem ao encontro do que Lacan pontua sobre a família, de que ela é uma instituição que não se limita ao biológico ou ao dado social, mas "é na ordem original da realidade constituída pelas relações sociais que convém compreender a família humana" (Lacan, 1938/1987, p. 33).

Sendo assim, numa leitura atual sobre a convivência dos pequenos semelhantes nas creches, suas relações com a família, com a figura da educadora e suas funções, alguns autores como Mariotto (2009) consideram haver um "esgarçamento" familiar nessas instituições de cuidado infantil. Nesses locais, onde os bebês permanecem por até 12 horas diárias, a educadora tem uma função muito próxima à da mãe: ela participa da constituição subjetiva da criança, isto é, o papel de Outro na creche cabe à educadora.

No entanto, é preciso demarcar esse campo ocupado por outros educadores que não os pais, principalmente ao se falar de sujeitos em tenra idade. Eles participam da constituição subjetiva, certamente, porém não substituem os pais. Neste ponto concorda-se com Mariotto (2009) de que os laços entre pais, educadora e bebês diferem². No primeiro caso, o laço se localiza "a partir da questão do desejo e da cultura" e ocupa um lugar no desejo dos pais inscrito na linguagem familiar. Já o laço estabelecido entre educadores e bebês está inserido numa posição referente ao trabalho da educadora. Ao que a autora detalha:

Não se trata de uma reatualização repetitiva da relação parental, uma vez que no ambiente da creche trata-se de um laço terceiro, ao mesmo tempo em que ele se estabelece sob o olhar do

terceiro – o espaço público. Ou seja, se no ambiente privado a transmissão é de uma ordem familiar, no ambiente público trata-se de uma transmissão social. Ambas, porém, fundamentais e fundantes (Mariotto, 2009, p. 137).

Da mesma forma considera-se que os pequenos semelhantes no convívio da creche desempenham uma função familiar, ou seja, eles podem se apresentar como intrusos desde que cumpram uma determinada posição em relação ao sujeito. Uma posição que permita a formação do complexo, conforme esclarece Lacan:

[...] o complexo é dominado por fatores culturais: em seu conteúdo, representativo de um objeto; em sua forma de organização afetiva e experiência no choque com o real, o complexo é compreendido por sua referência ao objeto (...) é preciso reconhecer o caráter que especifica a ordem humana, qual seja, a subversão de qualquer rigidez instintiva, de onde surgem as formas fundamentais da cultura, prenhes de variações infinitas. (Lacan, 1938/1987, p. 34).

Conforme assinalado anteriormente, a intrusão só ocorre se houver uma condição tal – no laço do sujeito primitivo com a mãe – que possa ser ameaçada, que seja passível de disputa e da qual o sujeito possa sentir ciúme. Fora do lar, nas creches, por exemplo, o pequeno semelhante que pode vir a ser o intruso não está referenciado diretamente à mãe, mas à educadora que, conforme foi apontado, situa-se numa posição distinta à dos pais. Entretanto, ela também se destaca na promoção da constituição subjetiva.

Encerramento.

Finalizando, o convívio de grupos de pares de bebês e crianças pequenas é importantíssimo, pois, eles possuem características únicas que os adultos não possuem. Estes pequenos semelhantes ocupam um lugar nas questões edípicas e familiares específicos que não pode ser exercida pelos adultos que podem já estar encarregados das funções maternas e paternas. A função do pequeno semelhante é de outra ordem. Ela está, certamente, implicada, associada e dependente das funções primordiais, mas destaca-se dessas pelas suas características constitutivas, de desenvolvimento e sociais. Os bebês e crianças pequenas ocupam lugares que já não pertencem mais aos adultos, daí a importância da convivência desses pequenos semelhantes.

Lacan atribuía a estes pequenos semelhantes a função de intruso. Esse complexo da intrusão, conforme vimos, estaria numa encruzilhada constitucional formada pelo complexo do desmame, complexo do intruso e o estádio do espelho, que desembocariam na formação do eu. O convívio com estes pares e grupos semelhantes inaugura uma triangulação inicial que já demarca um ciúme, uma alternância de lugares em relação ao seio da mãe, entre ser capturado pelo desejo narcísico materno ou abrir-se ao outro não familiar, o social. O estudo desse convívio pode nos auxiliar a compreender as

patologias que surgem na ausência desse tipo de convívio em situações excepcionais como em situações de pandemias, guerras, desastres e outros.

Notas

1. Algo muito similar à leitura winnicottiana de deprivação, onde a delinquência e os comportamentos (agressão) antissociais estariam ligados a uma manifestação do desejo de retorno a um estado de cuidado e de confiança, o que é distinto de uma pulsão de morte freudiana marcada pela fisiologia.
2. O fato de a criança ser cuidada em instituição não afeta sua relação com a mãe no que tange ao "apego seguro" descrito por Bowlby (1960). Um trabalho em diálogo da educadora com a mãe favorece o apego da criança.

Referências Bibliográficas

- Bernardino, L. M. F. (2002). O ciúme na relação entre irmãos a partir de um caso de gagueira. *Associação Psicanalítica de Curitiba em Revista*, 6(6), 81-90.
- Bowlby, J. (1960). Separation Anxiety. In *J. Psycho-Anal. International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 89-113.
- Freud, S. (1996). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol 17, pp. 237-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (Obras completas, vol 8) (P. C. de Sousa, Trad.) São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Koltai, C. (2000). *Política e Psicanálise: O estrangeiro*. São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (1987). *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1938)
- Lacan, J. (1998a). A agressividade em Psicanálise. In *Escritos*. (pp. 104-126). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1948)
- Lacan, J. (1998b). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. (pp. 96-103). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (2009). *O Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud*. (2a. Ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (2011). *Da Psicose Paranóica e suas relações com a personalidade* (2a. Ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1932)
- Lachaud, D. (2001). *Ciúmes*. (P. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Levy, R. (2009). Os primórdios da construção do ciúme e sua relação com a constituição do laço social. In *Ciúme. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 37(37), 22-30. Recuperado de:

<https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista37-1.pdf>

Mariotto, R. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir*: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta.

Milman, L. (2005). Casa das árvores: a ética de Françoise Dolto nas favelas. *Pulsional*, 181, 46-53.

Winnicott, D. (1990). *Natureza Humana* (D. L. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988).

Citação/Citation: Kazahaya, D. (nov. 2021 a abr. 2022). Qual a importância da convivência de grupos e pares de bebês e crianças?. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 74-90. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2022v17n33p74-90

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 13/09/2021 / 09/13/2021.

Aceito/Accepted: 20/10/2021 / 10/20/2021.

Copyright: © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.